

VI Colóquio Internacional

“Educação e Contemporaneidade”



São Cristovão-SE/Brasil
20 a 22 de setembro de 2012

UMA ANÁLISE BRASILEIRA DO FILME “OS ESCRITORES DA LIBERDADE^{1,i}

Manuela Ramos da Silvaⁱⁱ

EIXO TEMÁTICO: Educação, Sociedade e Práticas Educativas

Resumo

Este texto tem como objetivo analisar o filme “Os Escritores da Liberdade” à luz das ideias do educador brasileiro Paulo Freire, propondo uma reflexão em torno da prática educativa dialógica, consciente, transformadora, na qual professor e aluno têm papéis igualmente importantes. Assumimos a hipótese de que “não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro” (Freire, 1996, p.23), destacando um dos principais pressupostos do modelo freireano, de que ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho. A outra categoria da nossa reflexão é a educação como prática libertadora. Para Freire, a educação visa à libertação, à transformação radical da realidade, para melhorá-la, para torná-la mais humana, para permitir que os homens e as mulheres sejam reconhecidos como sujeitos da sua história, e não como objetos.

Palavras-chave. Docência. Liberdade .Ensino-Aprendizagem.

Abstract

This text aims at analysing the film “Freedom Writers” under the perspective of the Brazilian educator Paulo Freire. It proposes reflecting upon a dialogic, conscious, transforming educative practice, in which teachers and students have similar and important roles. We take the hypothesis that “there is no teaching without learning, they explain each other, and the individuals, despite the differences, are not reduced to the condition of objects, of one another”(Freire, 1996, p.23). We highlight one of the main presuppositions of the Freirean model, that no one educates anyone, and no one educates him/herself. The other category we

use is of education as a freeing practice. For Freire, education leads to freedom, to a radical change in reality in order to improve it, to make it more humane, to allow men and women to be understood as subjects of their own history, instead of objects of it.

Keywords. Teaching. Freedom. Teaching-learning process.

... sobre Paulo Freire

Graduado pela Faculdade de Direito de Recife (Pernambuco). Foi professor de Língua Portuguesa do Colégio Oswaldo Cruz e diretor do setor de Educação e Cultura do SESI (Serviço Social da Indústria) de 1947-1954 e superintendente do mesmo de 1954-1957. Ao lado de outros educadores e pessoas interessadas na educação escolarizada, fundou o Instituto Capibaribe. Ele foi quase tudo o que deve ser como educador, de professor de escola a criador de idéias e "métodos".

Sua filosofia educacional expressou-se primeiramente em 1958 na sua tese de concurso para a universidade do Recife, e, mais tarde, como professor de História e Filosofia da Educação daquela Universidade, bem como em suas primeiras experiências de alfabetização como a de Angicos, Rio Grande do Norte, em 1963.

A coragem de pôr em prática um autêntico trabalho de educação que identifica a alfabetização com um processo de conscientização, capacitando o oprimido tanto para a aquisição dos instrumentos de leitura e escrita quanto para a sua libertação fez dele um dos primeiros brasileiros a serem exilados.

Em 1969, trabalhou como professor na Universidade de Harvard. Durante os dez anos seguintes, foi Consultor Especial do Departamento de Educação do Conselho Mundial das Igrejas, em Genebra (Suíça). Nesse período, deu consultoria educacional junto a vários governos do Terceiro Mundo, principalmente na África. Em 1980, depois de 16 anos de exílio, retornou ao Brasil para "reaprender" seu país. Lecionou na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Em 1989, tornou-se Secretário de Educação no Município de São Paulo, maior cidade do Brasil. Durante seu mandato, fez um grande esforço na implementação de movimentos de alfabetização, de revisão curricular e empenhou-se na recuperação salarial dos professores. A metodologia por ele desenvolvida foi muito utilizada no Brasil em campanhas de

alfabetização e, por isso, ele foi acusado de subverter a ordem instituída, sendo preso após o Golpe Militar de 1964. Depois de 72 dias de reclusão, foi convencido a deixar o país. Exilou-se primeiro no Chile, onde, encontrando um clima social e político favorável ao desenvolvimento de suas teses. Desenvolveu, durante 5 anos, trabalhos em programas de educação de adultos no Instituto Chileno para a Reforma Agrária (ICIRA). Foi aí que escreveu a sua principal obra: *Pedagogia do oprimido*.

Paulo Freire é autor de muitas obras. Entre elas: *Educação: prática da liberdade* (1967), *Pedagogia do oprimido* (1968), *Cartas à Guiné-Bissau* (1975), *Pedagogia da esperança* (1992) e *À sombra desta mangueira* (1995). Foi reconhecido mundialmente pela sua práxis educativa através de numerosas homenagens.

O pensamento de Freire surge como produto das condições histórico-sociais em que vivia o Brasil e o Chile na década dos 60. Paulo Freire faleceu no dia 2 de maio de 1997 em São Paulo, vítima de um infarto agudo do miocárdio.

A *Pedagogia do Oprimido* é um texto fortemente conjuntural que se tornou universal. Textos produzidos em contextos de forte efervescência política local/nacional costumam ser identificados com o seu ambiente político, que, em geral, caem em desuso e perdem o vigor tão logo se altere tal conjuntura. Entretanto, esse livro de Paulo Freire permanece um livro histórico, mas com um vigor que ultrapassa fronteiras culturais, locais, nacionais e regionais.

Diante dos vários teóricos que interpretaram a obra de Paulo Freire, afirma-se que a sua tese central é **liberdade-libertação**. A liberdade é a categoria central de sua concepção educativa desde suas primeiras obras. Gadotti (2000) nos lembra que para Freire a libertação é o fim da educação. A finalidade da educação será libertar-se da realidade opressiva e da injustiça.

“Gostaria mais uma vez de deixar bem expresso o quanto apostado na liberdade, o quanto me parece fundamental que ela se exercite assumindo decisões.” (p. 105)

Ao recorrermos ao dicionário Aurélio, encontramos a definição de liberdade como “ faculdade de cada um se decidir ou agir segundo a própria determinação. Estado e condição de um homem livre”.

Já Mora (2001) no dicionário de filosofia, esclarece a concepção de liberdade como uma possibilidade objetiva. Para o autor, o possível não é apenas alguma coisa sentida ou percebida subjetivamente por nós, mas é também e sobretudo alguma coisa inscrita no coração da necessidade, indicando que o curso de uma situação pode ser mudado por nós, em certas direções e sob certas condições. **A liberdade é a capacidade para perceber tais possibilidades e o poder para realizar aquelas ações que mudam o curso das coisas, dando-lhe outra direção ou outro sentido.** No nosso entender o filme visa estimular este tipo de capacidade nos alunos, bem como nos professores.

Na sua reflexão sobre educação, Freire (1969) nos ensina “a educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é a prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens” .

A liberdade é o ponto central de sua concepção educativa. A finalidade da educação é libertar-se da realidade opressiva e da injustiça; tarefa permanente e infindável. Para Paulo Freire (1969) a realidade opressiva não é "privilégio" dos países do Terceiro Mundo. Em maior ou menor grau, a opressão e a injustiça existem em todo mundo. Por isso sua pedagogia não é apenas uma pedagogia "terceiro-mundista”.

Nas palavras de Freire “a educação visa à libertação, à transformação radical da realidade, para melhorá-la, para torná-la mais humana”

... sobre o filme

“Escritores da Liberdade” é um longa metragem, filmado em 2007, baseado na história real da professora Erin Gruwell, interpretada por Hillary Swank e seus alunos, interpretados por jovens atores amadores que viveram histórias de vida semelhantes aos personagens que eles representaram. O drama conta a história da novata professora de Literatura que escolheu lecionar na Escola Wilson, em Long Beach, nos Estados Unidos, Califórnia.

A Escola Wilson fazia parte do programa de integração que consistiu em abrigar alunos de diferentes etnias em uma mesma sala, na tentativa de conseguir uma interação entre os alunos.

Apesar do modelo de integração está vigente na Escola Wilson, havia salas especiais e bem organizadas para os alunos com melhor desempenho e os demais professores escolhiam quais turmas queriam ensinar.

Formada em Direito, Erin se torna professora, desagradando seu pai e marido. No início, ela demonstra ingenuidade, timidez, curiosidade e determinação; sua vocação para o magistério vai se construindo conforme os desafios que ela encontra entre os alunos e ao lidar com a burocracia e o conservadorismo dos funcionários do sistema pedagógico da escola.

Uma série de atentados e protestos ocorreu em abril de 1992 em Los Angeles, Koreatown e Long Beach (Califórnia) desencadeando uma onda de violência entre gangues jamais visto. Nos meses seguintes 120 crimes aconteceram, somente em Long Beach. Esta é a história real da sala 203. Este filme trata de realizações face à adversidade.

O filme se passa no ano 1994, na sala 203, quando a professora Erin Gruwell, enfrentou sua primeira classe de alunos, rotulados pela administração do colégio como adolescentes "em risco" ou "problemáticos". A classe era uma mistura, conforme recomendação do programa de integração, de afro-americanos, de latinos, de cambojanos, de vietnamitas, entre outros, muitos dos quais cresceram em vizinhanças agressivas e participavam de gangues de rua em Long Beach. Nas primeiras semanas de aula, os estudantes obstruíram a aula mostrando que não estavam interessados no que sua professora tinha a ensinar, inclusive fazendo apostas sobre quanto tempo a professora duraria em sua sala de aula. *“Branca, sorrindo e usando perolas. Porque devemos confiar nela”*. *“O que você está ensinando aqui não faz diferença na minha vida”*

O enredo filme começa a ganhar força quando uma caricatura racial de um dos estudantes afro-americano circulou a sala de aula, Erin Gruwell interceptou irritadamente o desenho e comparou-o às caricaturas dos judeus, feitas por nazistas durante o holocausto.

A professora convidou os alunos a fazerem uma reflexão que uma gangue muito maior que a deles havia conquistado países em todo mundo ao invés de bairros e ruas, haviam matados milhares de pessoas por conta da intolerância. E o nome dado a este acontecimento foi o Holocausto.

Holocausto ? Os estudantes responderam de forma confusa à sua comparação o que chocou a professora ao descobrir que muitos de seus alunos nunca tinham ouvido sobre holocausto. Entretanto, quando perguntou quantos em sua classe tinham sido alvos de disparos, quase

todos levantaram as mãos. Isto deixou Erin Gruwell chocada, porém inspirada a não desistir dos alunos. *“Eu pensei em cursar Direito, contudo acredito na defesa dos jovens na escola, no tribunal a guerra já está perdida”* (Erin Gruwell)².

Diante deste cenário a professora tenta inspirar seus alunos a aprender algo mais sobre tolerância, valorizar a si mesmos, investir em seus sonhos e dar continuidade a seus estudos além da escola básica. *“Ela estava determinada a nos dobrar, não fisicamente, mas mentalmente e em grande estilo”*

Uma das ações da professora foi levar os alunos ao Museu da Tolerância (Los Angeles), onde o Holocausto é retratado em todas as suas faces. Cenas emocionantes retratam o momento que os alunos começam a despertar que não importa o lugar de onde vieram e não devemos julgar aos outros pela sua raça ou cor e as consequências deste tipo de atitude.

A trilha sonora do filme resgatou o discurso de Martin Luther King, em ritmo de hip-hop, que apesar da sua origem está nas décadas de 70 e 80, nos anos 80 ganhou força representando uma cultura. *“Construindo um sonho”* lembra as pessoas que estamos aqui para conhecer culturas diferente...pessoas como Martin Luther King lutaram para isso.³ (Mark Isham e Will I. Am).

O valor desse filme também está na ousadia da linguagem cinematográfica mostrando os problemas psico-sócio-culturais que atingem a escola contemporânea; também porque ele dá visibilidade à diversidade dos grupos, com seu rígido código de honra, cada um no seu território, o narcisismo da recusa, da animosidade e da intolerância para com “os outros”, o boicote às aulas.

Para Richard Lagravense o interessante foi mostrar as vidas, as histórias, a história real. E como a professora ouvia as suas histórias o bastante para imaginar como lhes ensinar em vez de deixá-los se perder.

....a sala de aula

² Depoimento extraído do filme

³ Depoimento dos músicos responsável pela trilha sonora do filme, extraído do filme.

No primeiro dia, a professora tenta “dar aula” segundo manda o modelo tradicional, que não funciona com alunos indiferentes ao propósito da escola *eminente* *ensinante*. Uma aluna questiona para que serve aprender tal conteúdo abstrato considerado inútil para melhorar sua vida real; outro dirá que o fato de ela ser professora “branca” não é suficiente para ele respeitá-la. Ou seja, os estudantes obstruíram a aula mostrando que não estavam interessados no que sua professora tinha a ensinar, inclusive fazendo apostas sobre quanto tempo a professora duraria em sua sala de aula.

Neste momento deve-se refletir sobre a atuação do professor em sala de aula. Masseto (2003) defende que para repensar a aula é necessário propor outro paradigma. A proposta do autor é substituir a ênfase no ensino pela ênfase na aprendizagem.

A aprendizagem é tratada pelo autor como o desenvolvimento de uma pessoa nos diversos aspectos de sua personalidade.

Paulo Freire sugere contrapor o modelo burocrático, formal e impositivo da educação, levando em conta as necessidades e problemas da comunidades e as diferenças étnico-culturais, sociais, de gênero e dos diferentes contextos.

Ambos autores acreditam no papel central dado ao aprendiz no processo de aprendizagem. Ao aprendiz cabe o papel central de sujeito que exerce as ações necessárias para que aconteça a aprendizagem (MASSETO, 2003 e FREIRE, 1977). Sem dúvida essas ações serão realizadas com os outros participantes do processo: os professores e os colegas, pois a aprendizagem não se faz isoladamente, mas em parceria, em contato com os outros e com o mundo.

Considera-se que a Profa. Erin motivou internamente os seus alunos em rol da sua própria aprendizagem, negando-se a utilizar o espaço da sala de aula como espaço de transmissão de conteúdos e sim de produção e descobrimento do conhecimento. Aqui temos mais uma lição de Freire, a recusa ao ensino bancário.

O outro ponto forte do filme é violência no bairro promovida para divisão dos jovens em guangue também é presente na escola. Profa. Erin presencia a primeira briga de gangues na escola. A confusão é total. Homens e mulheres brigam. Ninguém obedece aos avisos e aos pedidos para retornar para as salas. Há alunos armados. É mais uma briga por território.

Na tentativa de se aproximar dos alunos, em uma de suas aulas sobre literatura, a Prof. Erin traz para a discussão de rima, uma música de hip hop. Mas é questionada pelos alunos sobre a

legitimidade dela tratar sobre o tema. Além disso, questionam a sua juventude. Este aspecto é também questionado pela direção da escola, o este é o primeiro emprego como professora.

Como preconizava Freire (1996) ensinar exige risco, aceitação do novo, rejeição de qualquer forma de discriminação e convicção de que a mudança é possível.

Chegamos ao auge do enredo do filme, quando ao pegar um desenho que circulava na sala com a caricatura de um dos alunos negros a Profa. Erin começa a discursar sobre o holocausto e informando aos alunos que eles estão agindo de forma similar e das conseqüências de ações com essas. A Prof. Erin faz uma reflexão sobre as ações do grupo, discutindo que estas não farão com que eles sejam lembrados depois de morto. Pois serão lembradas assim como foram as ações das pessoas envolvidas no holocausto. O estopim do filme é dado quando um aluno pergunta o que foi o Holocausto. A professora pede que aqueles que não sabiam o que é o holocausto que levantem a mão. Toda a sala estende a mão. O sino toca e aula é encerrada naquele dia.

No dia da reunião de Pais não aparece nenhum responsável pelos alunos da sala 203, enquanto na sala dos alunos notáveis a presença dos pais foi bastante significativa. Contudo houve uma grande surpresa, vários diários foram deixados no armário da professora Erin que começa a leitura um a um.

... o método

Ao perceber os grandes problemas enfrentados por tais estudantes, a professora Erin resolve adotar novos métodos de ensino, ainda que sem a concordância da diretora do colégio. O método da jovem professora consistiu em entregar para cada aluno um caderno para que escrevessem, diariamente, sobre aspectos de suas próprias vidas, desde conflitos internos até problemas familiares e sociais. Também, instigou-os a ler livros como "O Diário de Anne Frank" com o propósito de despertar alguma identificação e empatia, ainda que os personagens vivam em épocas diferentes; a partir de eventuais encontros imaginários cada aluno poderia desenvolver uma atitude especial de tolerância para com o "outro".

A idéia vai dando certo e despertando nestes jovens uma paixão de viver e de ir à escola. E, obviamente, isso também vai incomodando os diretores da Instituição, que estavam ou com inveja da maneira como Erin estava conduzindo a sua turma, ou com medo de educar aquelas pessoas, com medo de que elas pudessem se tornar vozes de protestos. Os novos métodos de

ensino também inspiram os estudantes a terem objetivos numa vida praticamente perdida e sem esperança. Mais importante que isso, os ensinamentos de Erin ajudam eles a enfrentarem os seus problemas familiares e os problemas que existiam entre eles mesmos, os preconceitos que um grupo tinha pelo outro.

A partir deste momento os estudantes da sala 203 converteram-se de um grupo de estudantes apáticos a um grupo de estudantes motivados, pensantes e responsáveis por tomar suas próprias decisões, ou seja, perceberam as possibilidades e o poder para realizar ações que mudariam o curso das coisas. A denominação de Escritores da Liberdade surgiu em homenagem aos ativistas dos direitos civis “ Os Cavaleiros da Liberdade” jovens negros e brancos, intelectuais, artistas e religiosos, que partiam do norte dos Estados Unidos na década de 1960 em caravanas em direção ao Sul, para pressionar as autoridades locais a pôr fim na segregação. O Sul reagiu com violência.

Na vida real, os diários foram reunidos em um livro publicado nos Estados Unidos, em 1999, e terminaram inspirando o diretor Richard LaGravenese para fazer esse filme.

Não há uma sistematização ou algo parecido sobre o método utilizado pela professora G, carinhosamente apelidada pelos alunos da sala 203, contudo é possível percebermos que na sua concepção há a intenção de mudança de paradigma, assim como afirmou Masetto (2003). Uma mudança com ênfase na a auto-realização, a tolerância e a participação ativa do estudante em sua própria educação.

Corroborando, Freire (ano) nos lembra a responsabilidade da educação está no próprio aluno, possuidor das forças de crescimento e auto-avaliação. A educação deve estar centrada nele, em vez de centrar-se no professor ou no ensino; o aluno deve ser senhor de sua própria aprendizagem.

Outro aspecto importante em relação à prática da professora e aos métodos de ensino, é que por meio das relações de confiança com os alunos, e a problematização da realidade deles, conseguiu-se desenvolver a autonomia nos alunos, como diz Paulo Freire: “A autonomia vai se construindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas.” (Freire, 1996, p.107), de forma que os mesmos vão modificando suas formas de vida e de

relacionamento com as demais pessoas, dentro de uma ética que valoriza o ser humano como sujeito em um processo histórico.

A prática docente exercida pela Prof. Gruwell, podem ser explicada por Freire da seguinte maneira: “... é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele.” (FREIRE, 1996,p.113).

Por meio do ato de escutar, a professora Gruwell começou a repensar sua prática, de forma que podemos afirmar que ela aproximou-se de alguns pressupostos da educação Libertadora de Paulo Freire como:

a vigilância do meu bom senso tem uma importância enorme na avaliação que, a todo o instante, devo fazer de minha prática.” “... ensinar não é transferir a inteligência do objeto ao educando, mas instigá-lo na sentido de que, como sujeito cognoscente, se torne capaz de entender e comunicar o entendido. (FREIRE, 1996,p.61).

Em síntese, entende-se que este filme, esteve muito próximo do que Gadotti (2000) chamou de quatro passos do Método Paulo Freire: 1) Ler o mundo; 2) Compartilhar o mundo lido; 3) Educação como prática de construção e reconstrução do saber e 4) Educação como prática libertadora.

O lema da mudança é também retratado no filme. Para Freire (1996) ensinar exige a convicção de que a mudança é possível. Nas palavras do teórico brasileiro, deve-se perceber a realidade não para se adaptar mas para mudar. Mudar é difícil, mas não é possível (p.77)

Voltamos a discutir a concepção da possibilidade objetiva, concepção na qual o possível é aquilo criado pela nossa própria ação. É o que vem à existência graças ao nosso agir, porém, não se encontra na ilusão do “posso tudo”, nem no conformismo do “nada posso”. Para fins de análise do filme, define-se a liberdade como a capacidade para darmos um sentido novo ao que parecia fatalidade, transformando a situação de fato em realidades novas, criadas por nossa ação. Essas forças transformadoras, que torna real o que era somente possível e que se achava apenas latente como possibilidade.

Acreditar que a educação tem um papel indispensável no implemento de novas realidades sociais, a partir da conscientização de cada ser humano como artífice de possíveis avanços em sua própria vida e, principalmente, em sua comunidade é uma das principais lições deixadas pelo professor Paulo Freire.

Algumas questões para seguir adiante...

Se a educação não pode mudar tudo, alguma coisa fundamental a educação pode, por isso que Freire defende que ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo, bem como exige tomada de consciente de decisões.

A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança, ou lamentavelmente, da permanência do hoje.” (FREIRE, 1996, p.143,).

Ao encontrar o problema da violência e discriminação a professora Erin os enfrentou, pois ensinar exige respeito ao saberes dos educandos (FREIRE, 1996).

Este filme é retratado tendo com protagonistas e “ escritores da liberdade”, alunos da sala 203 da Escola Wilson, que continuam transmitindo a sua experiência ao redor do mundo. Uma outra possibilidade de análise e com certeza, de mudança da realidade do ensino no Brasil é formação de uma comunidade de “professores escritores da liberdade”. Este assunto remete a um debate sobre formação de professores no ensino superior.

Referências

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1969.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes à prática educativa**. 35. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- GADOTTI, Moacir. Saber Aprender: um olhar sobre Paulo Freire e as perspectivas atuais da educação. In: CONGRESSO INTERNACIONAL. UM OLHAR SOBRE PAULO FREIRE, 2000, Évora. **Anais...** Évora, Universidade de Évora, 2000.
- MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MOREIRA, Marco Antonio. **Ensino na Universidade: sugestões para o professor**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1995.
- MASETTO, Marcos T. Docência Universitária: repensando a aula. In: VASCONCELOS, Antonio Deodoro. **Ensinar e aprender no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2003.
- NUNES, Débora. **Incubação de empreendimentos de economia solidária: uma aplicação da pedagogia da participação**. São Paulo: Annablume, 2009. 350 p.
- VEIGA, Ilma Passos Alexanstro. Ensinar: uma atividade complexa e laboriosa. In: _____ (Org.) **Lições de didática**. Campinas: Papirus, 2006

^{i i} Freedom Writers (EUA, 2007), roteiro e direção de Richard Lagrasenese

ⁱⁱ Graduada em Secretariado Executivo, Mestre em Administração, Professora Assistente do Curso de Secretariado Executivo da UFS.E-mail: mrs.gusmao@gmail.com